

**ANA LEONOR PEREIRA
JOÃO RUI PITA
(Eds)**

**HISTÓRIA INTERDISCIPLINAR DA LOUCURA,
PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL**

IX

COIMBRA

SOCIEDADE DE HISTÓRIA INTERDISCIPLINAR DA SAÚDE – SHIS

**CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA-CEIS20 / GRUPO DE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA
DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA – GHST**

2019

Colecção:

Ciências, Tecnologias e Imaginários. Estudos de História - séculos XVIII-XX

Directores:

Ana Leonor Pereira; João Rui Pita

A colecção “Ciências, Tecnologias e Imaginários. Estudos de História – séculos XVIII-XX” pretende reunir estudos originais de cultura científica na época contemporânea, especialmente nas áreas da história interdisciplinar das ciências da vida e das ciências da saúde.

Nº 15

NOTA:

Os textos publicados nesta obra colectiva são da responsabilidade dos autores

FICHA TÉCNICA

Título: História Interdisciplinar da Loucura, Psiquiatria e Saúde mental — IX

Coordenadores: Ana Leonor Pereira; João Rui Pita

Local: Coimbra

Edição: Sociedade de História Interdisciplinar da Saúde / Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra - CEIS20 (Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia)

Ano de edição: 2019

Impressão: Pantone 4

ISBN: 978-989-54124-9-5

Depósito Legal: 320445/10

SHIS

Sociedade de História Interdisciplinar da Saúde-SHIS

2

CEIS20
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DO SÉCULO XX
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

VIGIAR E APRENDER A DOMINAR: OS ENFERMEIROS E OS ALIENADOS NO SÉCULO XIX

Analisa Candeias¹, Alexandra Esteves², Luís Sá³

¹Escola Superior de Enfermagem; Centro de Investigação em Enfermagem – Universidade do Minho (CIEnf-UMinho);

Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde (CIIS) - Portugal
Professora Adjunta na Universidade do Minho – Doutoranda em Enfermagem no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa

²Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais; Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2pt), Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho – Portugal;
Professor Auxiliar na Universidade Católica Portuguesa

³Instituto de Ciências da Saúde. Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde (CIIS) – Portugal; Professor Auxiliar na Universidade Católica Portuguesa

Email: lia.candeias@gmail.com;estevesalexandra@gmail.com;lsa@porto.ucp.pt

Resumo

A obediência e a experiência foram os principais aliados dos enfermeiros nos contextos hospitalares do século XIX. Ser enfermeiro implicava uma dedicação exclusiva às rotinas e quotidianos das instituições, tornando seus os hábitos que as mesmas desejassem fazer cumprir. Nos lugares de assistência aos alienados, os enfermeiros também se encontravam presentes, na condição de agentes cuidadores e vigilantes, como sucedia no Hospital de Rilhafoles, em Lisboa, no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, no Porto, ou na Casa do Sagrado Coração de Jesus, em Sintra. Controlar sintomas e comportamentos fazia parte dos recursos terapêuticos utilizados no tratamento dos alienados, competência que os enfermeiros deveriam aprender e saber dominar no âmbito dos seus compromissos. Este estudo visa descrever as funções e as responsabilidades dos enfermeiros nos hospitais psiquiátricos portugueses do século XIX, podendo representar um contributo, ainda que modesto, para a história da enfermagem e da psiquiatria.

Palavras-chave: enfermeiro; saúde mental; psiquiatria; alienado

Abstract

Obedience and experience were the main allies of nurses in hospital contexts by the nineteenth-century. Being a nurse implied an exclusive dedication to the routines and quotidian of the institutions, whose habits nurses should embrace. Nurses were also present in the care facilities for the alienated, being caregivers and vigilantes, as was the case in Hospital de Rilhafoles, in Lisbon, Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, in Porto, or Casa do Sagrado Coração de Jesus, in Sintra. Controlling symptoms and conducts was part of the therapeutic resources used to treat the alienated, control that nurses should learn and master in the context of their responsibilities. This study aims to describe the roles and responsibilities of nurses in the portuguese psychiatric hospitals by the nineteenth-century, contributing modestly to the development of nursing and psychiatry history.

Keywords: nurse; mental health; psychiatry; alienated

Introdução

Lidar com as alterações da mente não é uma tarefa simples nem facilitada, e os caminhos da assistência aos alienados não foram consonantes nem sequenciais. Podemos afirmar que foi na evolução do século XIX que a assistência aos alienados começou a assumir contornos mais organizados, embora seja possível identificar, desde sempre, uma clara relação entre o sobrenatural e os problemas da mente, com repercussões nos tempos atuais, em especial no que diz respeito ao estigma ainda presente em todo o tipo de diferença que as pessoas apresentam.

Tendo em conta a diversidade de praticantes da assistência nos hospitais portugueses no século XIX, pretendemos, com este estudo, descrever as funções e as responsabilidades dos enfermeiros nos hospitais psiquiátricos portugueses do século XIX, procurando, assim, dar algum contributo para a história da enfermagem e da psiquiatria. Tendo em conta a dificuldade associada à eficácia dos tratamentos utilizados nos hospitais psiquiátricos nos anos de oitocentos, mostramos que o meio terapêutico mais utilizado nestas instituições e, quiçá, mais célere no que diz respeito à estabilização dos doentes, consistia na contenção e repressão de comportamentos, evitando muitas vezes situações de violência ou de extrema agressividade nestes contextos.

Contextos e Ações da Assistência aos Alienados: Os Enfermeiros e as suas Intervenções

A atenção por parte dos responsáveis pela assistência aos alienados surgiu no final do século XIX, em parte devido às ações de Philippe Pinel no Hospital de Salpêtrière, em França¹. Estas ações foram a alavanca do desenvolvimento da psiquiatria, da assistência neste contexto e da produção de conhecimento científico durante os anos de oitocentos. Iniciou-se, neste período, o afastamento entre a explicação sobrenatural dos problemas da mente e a explicação científica da doença mental – que devia ser vista tal como realmente era, ou seja, uma doença e, portanto, tratável.

O panorama da assistência aos alienados no século XIX era bastante uniforme, visto que os fármacos administrados para o domínio de sintomas e crises de agudização não surtiam um efeito de controlo desejável. Aliás, podemos referir que o primeiro antipsicótico a ser utilizado, a clorpromazina, surgiu apenas na década de 50 do século XX. Os clínicos, habitualmente, davam grande ênfase ao regime terapêutico que os alienados deviam seguir, que incluía a boa alimentação, a ocupação e o trabalho e a disciplina nas rotinas do dia-a-dia². Quando algum alienado apresentava alguma crise ou descompensação clínica, o comum seria utilizar meios de repressão e contenção, ou algum tratamento que se considerasse eficaz, como por exemplo a hidroterapia. Acima de tudo, os alienados deviam ser vigiados, existindo assim uma prevenção da alteração de comportamentos. Deste modo, vigiar, reprimir e controlar eram verbos de ação associados aos alienados nos anos de oitocentos, realizados principalmente pelos enfermeiros.

No século XIX, os enfermeiros aprendiam a sua profissão nos espaços da assistência hospitalar, sem qualquer tipo de educação formal, adquirindo conhecimentos e experiência através do contato direto com os doentes e com os enfermeiros mais velhos, de quem dependiam e a quem deviam obedecer³. A primeira experiência para uma escola de enfermagem surgiu no final do século XIX, em Coimbra, pela mão do médico Costa

¹ Veja-se em FOUCAULT, Michel - História da Loucura. 6ª ed. São Paulo: Editora Perspetiva, S.A., 1999

² Considere-se BUCHAN, William - Medicina Domestica ou Tractado de Prevenir, e Curar as Enfermidades Com o Regimento, e Medicamentos simples. III Tomo. Tradução de Manoel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa: Impressão Régia, 1825; e ainda em RODRIGO, José - Prontuario del Enfermero. Madrid: Imprenta y Librería de Nicolás Moya, 1891

³ Confirme-se em BOTELHO, José Rodrigues – “Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica – Alguns Contributos para a sua História em Portugal”. Servir. 52, nº 2 (2004), pp. 55-64

Simões, em 1881, através de um Curso de Enfermagem¹, mas não teve continuidade nem sucesso. As escolas de enfermagem tiveram êxito apenas no início dos anos de noventa, continuando algumas ainda a formar enfermeiros nos dias hodiernos², como por exemplo a Escola Superior de Enfermagem do Porto, a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra ou a Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho.

A formação dos enfermeiros era uma preocupação dos responsáveis pela assistência hospitalar, visto que muitos deles não sabiam ler ou escrever³. As primeiras escolas de enfermagem do século XX foram impulsionadas por médicos, que também concebiam e desenhavam as aulas dos futuros enfermeiros. Ainda assim, no século XIX, os enfermeiros tinham bastante responsabilidade nas práticas assistenciais, mesmo que a sua aprendizagem fosse decorrente daquilo que iam vendo, experimentando ou, até, intuindo. Este trabalho surge então nesse contexto, o da responsabilidade dos enfermeiros, em especial nos espaços psiquiátricos, com uma breve apresentação daquilo que era a realidade internacional, e a descrição da realidade nacional dos espaços assistenciais destinados aos alienados nos anos de oitocentos.

Transpondo as fronteiras portuguesas, podemos aludir ao médico Bernardino António Gomes que, em 1844, após uma viagem de estudo pela Europa, elaborou um relatório⁴ assinalando a presença de enfermeiros nestes estabelecimentos e a importância que tinham na administração de tratamentos e controlo de comportamentos, em parte, através da contínua vigilância que exerciam. A aprendizagem dos enfermeiros sobre as formas de controlar os doentes estava presente em todos os estabelecimentos que visitou, considerando que estes praticantes eram importantes na manutenção do bem-estar dos alienados e no bom funcionamento das instituições. Bernardino António Gomes descreveu ainda os meios de tratamento, contenção e repressão utilizados em alguns espaços assistenciais e administrados pelos enfermeiros, como por exemplo os banhos, os passeios, a ocupação ou o trabalho, a camisa-de-força, as correias para os pés ou mãos, as máscaras de arame, a utilização de quartos de isolamento, entre outros.

Voltando a terras lusas e ao primeiro hospital psiquiátrico português, o Hospital de Rilhafoles, aberto no ano de 1848, em Lisboa, podemos aludir a Francisco Martins Pulido, um dos primeiros diretores clínicos desta instituição que, em setembro de 1851, albergava 322 doentes⁵, supervisionados por um enfermeiro e uma enfermeira, assistidos por doze ajudantes cada um. Francisco Martins Pulido escreveu que “a Assistência ao Alienado é prestada com assiduidade e inteligência. Os doentes são vigiados noite e dia, e nem dentro nem fóra do Estabelecimento ficam um instante abandonados (...)”⁶. Os enfermeiros e os seus ajudantes deveriam ainda zelar, com persuasão e brandura, pela prevenção de variações comportamentais dos doentes, devaneios e quezílias; seriam eles os responsáveis pela aplicação e gestão da terapêutica prescrita pelos facultativos, atuando sob a supervisão destes.

Os meios de controlo utilizados em Rilhafoles, a meados do século XIX, eram a suspensão de visitas, passeios e recreio, a limitação de alimentos, a reclusão solitária, os banhos ou a

¹ Cf. NUNES, Lucília - Um olhar sobre o ombro: enfermagem em Portugal (1881-1998). Loures: Lusociência, 2003

² Porém, com outra nomenclatura

³ Veja-se em LOPES, Maria Antónia - Os hospitais de Coimbra e a alimentação dos seus enfermos e funcionários (meados do séc. XVIII – meados do séc. XIX). In SILVA, Carlos Guardado da, coord. - História da saúde e das doenças. Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Torres Vedras, 2012, pp.147-164

⁴ GOMES, Bernardino António - Dos Estabelecimentos de Alienados nos Estados Principais da Europa. Lisboa: Ulmeiro, 1999 (Original publicado em 1844)

⁵ Veja-se em PULIDO, António Martins - Relatório sobre a Organização do Hospital de Alienados em Rilhafoles. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851

⁶ Confirme-se na p. 19 de PULIDO, António Martins - Relatório (...) Rilhafoles. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851

aplicação da camisa-de-força. O trabalho e a ocupação, supervisionados pelos enfermeiros, seriam, para Pulido, os tratamentos de eleição para os alienados, como por exemplo as oficinas de costura ou jardinagem e a ajuda à manutenção das rotinas de higiene das instalações. De referir que, no final do século XIX, conseguimos identificar uma mudança¹ no que dizia respeito ao controlo e domínio dos doentes de Rilhafoles, com utilização acrescida de cadeiras fortes, peias, coleiras e peitilhos.

Os enfermeiros que trabalhavam em Rilhafoles deviam residir nas instalações do hospital, não lhes sendo permitido sair nem passar noites fora do estabelecimento sem prévia autorização do diretor. Não podiam aceitar qualquer oferta que viesse da parte dos doentes nem utilizar em seu proveito o trabalho que estes desempenhassem. Os enfermeiros encontravam-se inseridos nas rotinas do hospital, no seu quotidiano e cuidavam das suas vidas privadas nos intervalos do cumprimento dos seus deveres. Pedia-se ao enfermeiro que tivesse um bom comportamento moral e fosse exemplar no cumprimento das normas e das regras, tendo em vista a instauração da disciplina e a recuperação dos internados.

Mais a norte do país, no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, inaugurado em 1883, no Porto, também o regime dos doentes era privilegiado. António Maria de Sena, primeiro diretor clínico deste hospital, favorecia os tratamentos que se relacionavam com a ocupação, o trabalho, a higiene, a boa alimentação e o ar puro. Considerava que os alienados em Portugal eram afáveis e pouco perigosos², pelo que não seria necessário utilizar, tão amiúde, meios de contenção e repressão, em especial os quartos de isolamento e as cadeiras fortes. Sena considerava ainda que se devia dar a máxima atenção à vigilância dos doentes através da ação dos enfermeiros, que, embora não tivessem conhecimentos sobre patologia mental, deviam “(...) conhecer os preceitos deduzidos das doutrinas que ela encerra e ensina mais aproveitáveis e convenientes ao tratamento dos loucos”³.

No Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, aquando a sua inauguração em 1883, estava consignada uma estrutura hierárquica no que diz respeito ao pessoal de enfermagem, sendo esta composta por enfermeiros, ajudantes e criados, homens e mulheres⁴. Este pessoal, pertencente à Direção Clínica, encontrava-se sob a alçada do diretor clínico, que decidia sobre quem contratar ou não contratar, informando posteriormente a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, que administrava o hospital. Aos enfermeiros e enfermeiras competia zelar pelo cumprimento das prescrições dos facultativos, organizando as rotinas e o quotidiano dos doentes.

O dia iniciava-se com a alvorada, efetuada pelos enfermeiros, dos alienados, exceto daqueles que durante a noite tinham apresentado complicações que eram autorizados a descansar mais um pouco. Os enfermeiros zelavam pela higiene e arranjo dos alienados, ensinando-os ou ajudando-os naquilo que fosse necessário, promovendo a entreatajuda. Os banhos terapêuticos eram realizados na parte inicial do dia, sendo os enfermeiros responsáveis pela gestão dos mesmos. Aos enfermeiros não era permitido o recurso à violência ou aos maus tratos sobre os doentes, e tinham de agir com paciência, carinho e dedicação⁵. Os meios de contenção e repressão mais utilizados, quando necessário, eram a camisa-de força ou o quarto de reclusão. Os enfermeiros, habitando nos espaços

¹ Cf. em SENA, António Maria - Os Alienados em Portugal, I – História e Estatística, II - Hospital do Conde de Ferreira. Lisboa: Ulmeiro, 2003 (Original publicado em 1884)

² Confira-se em SENA, António Maria - Os Alienados (...) Conde de Ferreira. Lisboa: Ulmeiro, 2003 (Original publicado em 1884)

³ Idem

⁴ Santa Casa da Misericórdia do Porto - Regulamento Geral do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1883

⁵ Confirme-se em Santa Casa da Misericórdia do Porto - Regulamento (...) Conde de Ferreira. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1883

hospitalares tal como em Rilhafoles, não podiam sair sem a autorização do diretor clínico, folgando a cada quinze dias – mas tinham de pernoitar no estabelecimento no dia da folga¹. Deslocando-nos novamente mais a sul do país, a Sintra, mais especificamente à Quinta do Telhal, em Sintra, onde, em 1893 abriu a Casa do Sagrado Coração de Jesus, que foi criada pela província espanhola da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, com o impulso de Bento Menni que, à época, era o provincial. Os irmãos enfermeiros que inauguraram este hospital eram, na sua totalidade, espanhóis e, aquando da sua abertura, tinham apenas um doente pobre admitido, o Padre Caetano Figueiredo, também espanhol e “(...) de mente muito perturbada, mas pacífico, (...)”². Em 1894, já viviam no Telhal doze irmãos e quatro doentes e, em 1900, dezasseis irmãos e trinta e seis doentes.

O quotidiano e os tratamentos aos doentes, assim como todas as normas da Casa do Sagrado Coração de Jesus, eram delineados pela Regra de Sto. Agostinho e as Constituições da Ordem aprovadas em 1890. José Rodrigo, diretor do Manicómio de Ciempozuelos, em Espanha, onde os irmãos enfermeiros faziam a sua formação, escreveu uma obra, em 1891, intitulada “Prontuario del Enfermero”, onde designou, além de todas as noções básicas de anatomofisiologia de que o enfermeiro necessitaria, as responsabilidades gerais de um enfermeiro que trabalhasse num hospital psiquiátrico. José Rodrigo escreveu que “los locos, en general, deben ser tratados con bondad (...)”³, e os enfermeiros deveriam ajudar o médico em tudo o que pudessem, registando, de forma completa, todas as alterações de comportamento ou de discurso que os doentes apresentassem.

Em cada um dos hospitais da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus deveria existir a figura de um Enfermeiro Maior⁴, que supervisionaria todo o serviço realizado nas enfermarias, zelando pelo cumprimento da terapêutica prescrita e a quem os irmãos enfermeiros responsáveis de cada espaço prestavam contas. No final do século XIX, no Telhal, eram administrados banhos terapêuticos sob a monitorização dos irmãos enfermeiros, que poderiam ser em banheira ou duche, quentes ou frios, ou aditivados com algum fármaco⁵. Os meios de contenção e repressão utilizados pelos irmãos enfermeiros seriam os recomendados por José Rodrigo, e baseavam-se na camisa-de-força, manábulas, banhos de pressão e celas de contenção. Não nos podemos esquecer da orientação religiosa que os enfermeiros da Casa do Sagrado Coração de Jesus seguiam aquando a prestação dos seus cuidados, sendo importante este facto para o desenvolvimento daquilo que são hoje os contextos de ação da enfermagem de saúde mental e psiquiátrica, amplamente ativa nos estabelecimentos geridos pelas ordens hospitaleiras, tanto masculinas como femininas.

As três realidades nacionais aqui descritas, Hospital de Rilhafoles, Hospital de Alienados do Conde de Ferreira e Hospital do Sagrado Coração de Jesus, são parte do retrato da assistência prestada aos alienados durante os anos de oitocentos. Este retrato ficaria completo se a descrição incluísse a assistência prestada nos hospitais gerais, nas prisões ou em casas de saúde privadas, visto que eram espaços que igualmente acolhiam estes doentes, e onde trabalhavam enfermeiros.

¹ Idem

² Confirme-se na p.42 de BARROS, Augusto Carreto de – “A Nossa Casa de Saúde do Telhal Durante os seus Primeiros 50 Anos de Existência 29 de Junho de 1893 – 1943”. IN, GAMEIRO, Aires (coord.). Casa de Saúde do Telhal 1º Centenário 1893-1993 – Documentos históricos e clínicos. Lisboa: Editorial Hospitalidade, 1993

³ Cf. na p.41 de RODRIGO, José - Prontuario del Enfermero. Madrid: Imprenta y Librería de Nicolás Moya, 1891

⁴ Veja-se em ORDEN HOSPITALARIA DE SAN JUAN DE DIOS - Regla de Nuestro Gran Padre San Agustín y Constituciones de la Orden Hospitalaria de Nuestro Glorioso Padre San Juan de Dios. Madrid: Imprensa del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1899 (Traduzido do original de 1890)

⁵ Veja-se em GAMEIRO, Aires (coord.). Casa de Saúde do Telhal 1º Centenário 1893-1993 – Documentos históricos e clínicos. Lisboa: Editorial Hospitalidade, 1993

Nos hospitais gerais, habitualmente, os alienados eram colocados nas enfermarias com os restantes doentes, muitas vezes imobilizados nas camas ou até presos com correntes, e isolados quando o comportamento era de difícil controlo. Nas prisões, eram confinados a salões onde também se encontravam os criminosos, que não aceitavam a presença dos mesmos, sendo muitas vezes maltratados. Nas casas de saúde privadas, utilizadas apenas para quem tinha possibilidades financeiras para suportar os seus encargos, os alienados eram confinados a quartos (utilizando-se meios de contenção semelhantes aos dos hospitais gerais), escondidos da vida em sociedade e marcados pela vergonha das suas famílias.

Nestas realidades, os enfermeiros também aprendiam através do contacto com os doentes e com os enfermeiros mais experientes. Sob a alçada de uma forte hierarquia, iam desenvolvendo as suas responsabilidades dentro dos espaços hospitalares que eram igualmente seus, visto que as suas vidas pessoais se iam desenrolando dentro das paredes assistenciais, fundindo as suas vivências com as vivências dos alienados. O crescimento da enfermagem em Portugal e, neste caso, da enfermagem de saúde mental e psiquiátrica, foi alinhavada conforme as necessidades que os doentes foram apresentando ao longo dos anos, passando de um saber prático para um saber conceptual, que visa, nos dias de hoje, a melhoria dos cuidados de saúde e, conseqüentemente, da sua qualidade.

Conclusão

A obediência e a aprendizagem contínua foram os principais aliados dos enfermeiros nos hospitais do século XIX. Ser enfermeiro implicava uma dedicação exclusiva às rotinas das instituições, tornando seus os hábitos que estas pretendiam que fossem adotados. O desenvolvimento da enfermagem em Portugal deu-se, não só pela ação de médicos que procuraram valorizar este ramo da assistência, mas também pela atenção que os enfermeiros foram prestando às reais necessidades daqueles que apresentavam problemas de saúde.

Nas instituições de assistência aos alienados os enfermeiros também estavam presentes, na condição de agentes cuidadores e vigilantes, como é o caso do Hospital de Rilhafoles em Lisboa, do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira no Porto ou da Casa do Sagrado Coração de Jesus, no Telhal. Controlar sintomas e comportamentos fazia parte dos recursos terapêuticos utilizados no tratamento dos alienados, que os enfermeiros deveriam conhecer e saber aplicar no âmbito dos seus compromissos.

Referências Bibliográficas

BARROS, Augusto Carreto de – “A Nossa Casa de Saúde do Telhal Durante os seus Primeiros 50 Anos de Existência 29 de Junho de 1893 – 1943”. IN, GAMEIRO, Aires, coord.. Casa de Saúde do Telhal 1º Centenário 1893-1993 – Documentos históricos e clínicos. Lisboa: Editorial Hospitalidade, 1993

BOTELHO, José Rodrigues – “Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica – Alguns Contributos para a sua História em Portugal”. *Servir*. 52, nº 2 (2004), pp.55-64

BUCHAN, William - Medicina Domestica ou Tractado de Prevenir, e Curar as Enfermidades Com o Regimento, e Medicamentos simples. III Tomo. Tradução de Manoel Joaquin Henriques de Paiva. Lisboa: Impressão Régia, 1825

FOUCAULT, Michel - História da Loucura. 6ªed. São Paulo: Editora Perspetiva, S.A., 1999

GAMEIRO, Aires, coord.. Casa de Saúde do Telhal 1º Centenário 1893-1993 – Documentos históricos e clínicos. Lisboa: Editorial Hospitalidade, 1993

GOMES, Bernardino António - Dos Estabelecimentos de Alienados nos Estados Principais da Europa. Lisboa: Ulmeiro, 1999 (Original publicado em 1844)

LOPES, Maria Antónia - Os hospitais de Coimbra e a alimentação dos seus enfermos e funcionários (meados do séc. XVIII – meados do séc. XIX). In SILVA, Carlos Guardado da, coord. - História da saúde e das doenças. Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Torres Vedras, 2012, pp.147-164

NUNES, Lucília - Um olhar sobre o ombro: enfermagem em Portugal (1881-1998). Loures: Lusociência, 2003

ORDEN HOSPITALARIA DE SAN JUAN DE DIOS - Regla de Nuestro Gran Padre San Agustín y Constituciones de la Orden Hospitalaria de Nuestro Glorioso Padre San Juan de Dios. Madrid: Imprensa del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1899 (Traduzido do original de 1890)

PULIDO, António Martins - Relatório sobre a Organização do Hospital de Alienados em Rilhafoles. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851

RODRIGO, José - Prontuario del Enfermero. Madrid: Imprenta y Librería de Nicolás Moya, 1891

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO - Regulamento Geral do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1883

SENA, António Maria - Os Alienados em Portugal, I – História e Estatística, II - Hospital do Conde de Ferreira. Lisboa: Ulmeiro, 2003 (Original publicado em 1884)